

# ADULTAS EM MINIATURA: SUBJETIVAÇÕES E DESCONSERTOS DA BELEZA EM *LITTLE MISS SUNSHINE* (2006)

pg 84-101

Éderson Luís Silveira<sup>1</sup>

Rodrigo de Freitas Faqueri<sup>2</sup>

Leonard Christy Souza<sup>3</sup>

## Resumo

O presente trabalho documental de viés qualitativo e de natureza bibliográfica visa empreender um percurso de investigação acerca dos processos de subjetivação relacionados ao contexto de (re) produção de corpos dóceis a um arquétipo de beleza comum que engendra comportamentos a diversos sujeitos em instâncias específicas. Para isso, tomar-se-á como referência o conceito de subjetivação e de relações de poder no âmbito dos estudos culturais e foucaultianos. A análise partirá de pronunciamentos enunciativos acerca da obra fílmica *Little Miss Sunshine* (2006) cujo enfoque está centrado no escopo de efeitos relacionados a um conjunto de práticas e representações relacionadas a concursos estadunidenses de beleza infantil feminina.

**Palavras-chave:** Infância; Corpo; Estudos Culturais; Foucault.

## MINIATURE ADULTS: SUBJECTIVATIONS AND BEAUTY DISCONSERTS IN *LITTLE MISS SUNSHINE* (2006)

## Abstract

This documentary paper of qualitative and bias of bibliographical nature aims to undertake a course of investigation into the processes of subjectivation context related to (re) production of docile bodies to a common archetypal beauty that engenders behaviors to various subjects in specific instances. For this, taking as reference the concept of subjectivation and of power relations in the context of cultural studies and foucaultianos. The analysis will leave enunciative pronouncements about the film *Little Miss Sunshine* (2006) whose focus is centered on the scope of effects related to a set of practices and representations related to American beauty pageants female child.

**Keywords:** Childhood; Body; Cultural Studies; Foucault.

1 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. E-mail: ediliteratus@gmail.com

2 Doutor em Letras com ênfase em Literatura Guatemalteca pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: rodrigofaqueri@hotmail.com

3 Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente na Universidade Federal do Amazonas. E-mail: leonardufam@gmail.com

A construção de um padrão de beleza corporal perpassa o comportamento social durante séculos. Não é de hoje que vemos a (re) produção de idealizações e criações de modelos, principalmente para o corpo feminino, para serem seguidos e admirados como componente de estruturação social. Exemplos são os retratos de famosas mulheres pintados em diversos momentos das Artes Plásticas que serviram (e ainda servem) de espelho para gerações ou então os parâmetros estabelecidos pelas (e por que não para?) as representantes femininas das mais variadas realidades no globo. O ponto-chave é que os estereótipos de gênero e a busca por um corpo perfeito se têm feito presentes na construção de uma identidade cultural constantemente e se faz necessário cada vez mais ampliar os debates sobre as relações entre a idealização do corpo e a (re) produção de um ideal de beleza como engendramento do comportamento social o que permite relacionar o conceito de cultura no âmbito das práticas culturais.

Neste escopo investigativo pode ser articulada uma relação entre os Estudos Culturais e os estudos foucaultianos visto que ambos os estudos partem de direcionamentos e singularidades teóricas específicas, mas, em alguns momentos, se aproximam o que permite um entrecruzamento profícuo. É o caso da noção de subjetivação cujo empreendimento filosófico permite afirmar que os modos de subjetivação podem ser percebidos como efeitos de práticas culturais. Assim, a partir dos Estudos Culturais, o interesse se volta principalmente para a centralidade da cultura no escopo das relações contemporâneas no âmbito da vida social e, a partir dos estudos foucaultianos, o poder é visto como sendo multifacetado e atravessando toda a sociedade.

Uma figura é importante, entre outras, para destacar a relevância dos Estudos Culturais no mundo todo: Stuart Hall. Nasceu na Jamaica e faleceu na Inglaterra aos 10 de fevereiro de 2014,

com 82 anos. Sua importância para o campo de estudos mencionado se dá, além da produção teórica relevante, por causa de sua criação, em 1964, na Universidade de Birmingham, do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), que dirigiu entre 1968 e 1979. Para ele, a estrutura e organização da sociedade estão permeadas de cultura bem como as práticas ordinárias do cotidiano o que a torna constitutiva das relações heterogêneas que fazem o mundo se mover (HALL, 1997). Mas afirmar a existência de um campo de estudos denominado Estudos Culturais não é suficiente, pois o guarda-chuva teórico de tal área é diversificado e se manifesta sob diversos modos de problematizar a cultura. François Cusset (2008) menciona sobre a distribuição dessa área específica e heterogênea de desdobramentos teóricos nas instituições de ensino e pesquisa na contemporaneidade:

[...] enquanto nos Estados Unidos existem inúmeros programas de estudos étnicos e sexuais, não há quase nenhum que se dedique explicitamente aos *Cultural Studies*. Por isso, eles estão em toda a parte e em lugar nenhum, mais flutuantes que enraizados, presentes em tal departamento na pessoa de um de seus especialistas, na escolha desse objeto de estudo, em uma abordagem teórica ou em algumas palavras-chave. Integram de forma transversal o conjunto do campo de Humanidades, sem que seja necessário consagrar-lhes um curso ou fixar claramente uma definição. O que dá margem, naturalmente, a uma inflação de ensaios que discutem seu conteúdo e seus limites. Parafraseando a fórmula surrealista, eles poderiam ser definidos, na falta de algo melhor, como a convergência de uma máquina marxista britânica e de um guarda-chuva teórico francês no terreno de lazer da sociedade americana – menos ascética do que uma mesa de operação. Pois eles nasceram na Grã-Bretanha, em torno do Center for Contemporary Cultural Studies criado em 1964 em Birmingham, e a partir dos trabalhos de Raymond Williams (*The Long Revolution*) e Richard Hoggart (*The Use of Literacy*) sobre as tradições e as resistências culturais do proletariado britânico. As pesquisas desse grupo que influenciam então os trabalhos de Althusser, Barthes e, depois, Bourdieu, invalidam a abordagem marxista ortodoxa: a cultura não é um simples reflexo superestrutural, mas um campo de lutas específicas pela hegemonia (daí a forte referência a Gramsci); a própria classe social não é um dado histórico bruto, mas uma construção simbólica (e, portanto cultural); e a hierarquia cultural não tem um sentido único, pois existem complicadores como uma nova

cultura de massa (como a televisão comercial) e seus modos de apropriação pelas classes populares (CUSSET, 2008, p. 130-131).

No bojo do emaranhado de conceitos que remetem a uma teoria específica, então, cabe reiterar: neste artigo valer-se-á da noção da cultura a partir de sua relação com os estudos acerca do poder e do sujeito em Foucault visando pensar a identidade heteroglóssicamente, não como um bloco monolítico, portanto, considerando as relações entre saber e poder e a diferença que se inscreve no espaço da ética e do encontro com a alteridade situada no escopo das práticas sociais. Desse modo, a incidência cultural sobre o social se dá por meio da proliferação de produtos culturais em circulação repercutindo na produção do conhecimento e em formas de pensar a subjetivação principalmente quando Stuart Hall (1997) no texto “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” trabalha a dimensão simbólica da cultura relacionando-a a uma prática que constrói significados. Mais do que construir significados, a cultura passou a ser utilizada, no âmbito e por causa da influência dos Estudos Culturais como “uma cadeia ampla e abrangente de instituições e de práticas que incluem desde atividades rotineiras, próprias ao dia-a-dia dos sujeitos, até as que se exercem nas corporações e nas instituições” (WORTMANN & VEIGA-NETO, 2001, p. 108).

Michel Foucault foi um filósofo francês nasceu em 15 de outubro de 1926 e influenciou uma geração de intelectuais, vindo a falecer em 25 de junho de 1984. Em 1984, quando foi lançado o *Dicionário dos filósofos*, de Denis Huisman, o próprio Foucault havia escrito o verbete relacionado a si mesmo assinando sob o pseudônimo de Maurice Florence. O que ele faz é situar o seu trabalho a partir da negação da transparência do sujeito transcendental situando a espessura histórica e institucional que permite o surgimento de objetos, saberes atravessados por relações de saber e poder.

Voltou-se para uma analítica da subjetivação buscando problematizar, através de uma análise ontológica do presente, as condições de constituição do sujeito em relação a si mesmo e em sua relação com os outros<sup>4</sup>. Neste âmbito, buscou se voltar para uma história dos jogos da verdade concebida como um estudo da “constituição do sujeito enquanto ele pode aparecer do outro lado de uma distinção normativa e tornar-se objeto de conhecimento” (FOUCAULT, 2001, p. 1452).

Dessa forma, em Foucault (1995) os deslocamentos do sujeito para conhecer a si e aos outros estão permeados de relações de saber e de poder que atravessam os corpos do tecido social. Os Estudos Culturais a noção de relações de poder também é basilar porque está relacionada com o conceito de cultura. Para Tony Benett, citado em Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p. 11) tal campo se definiu, historicamente, a partir de “posições teóricas e políticas as quais não importa quão amplamente divergentes possam ser sob outros aspectos, partilham um compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com e no interior de relações de poder”. Desnaturalizar a cultura, neste âmbito, é fazer perceber que a cultura é um processo e não um bloco monolítico homogêneo atravessado por relações de poder. Daí a abertura para um diálogo com Michel Foucault a fim de significá-la em meio a tal escopo de considerações a fim de problematizar as condições de existência dos sujeitos.

Neste contexto, as condições de existência estão então relacionadas a experiências de vida que não se desarticulam das práticas sociais submetendo sujeitos, portanto, a vigílias constantes e compondo formas de subjetivação. Assim, o poder não existe enquanto organismo autossuficiente (como postulava nos anos 1970 uma concepção

<sup>4</sup> Mais ao final de sua vida realiza um estudo do cuidado de si e do nascimento do sujeito ético o que permite que seja percebida a intenção de reler seu trabalho à luz do que está estudando no momento.

jurídica em que não se falava de subjetividade, subjetivação ou modos –heterogêneos - de vida), mas práticas através das quais ele se manifesta, atua e funciona, espalhando-se pelo tecido social. Valores e determinações advindos do terreno das práticas sociais então corroboram para esta noção em meio a relações de poder situadas no escopo de correlações de forças internas e externas ao indivíduo e entre grupos sociais específicos e abrangentes, pelos domínios de saber envolvidos.

Para Jorge Larrosa (1994, p. 40-41) a ideia de sujeito, do eu como unidade centrada em si mesma “é histórica e culturalmente contingente, embora a nós, nativos de uma determinada cultura e nela constituídos, nos pareça evidente e quase ‘natural’ esse modo tão ‘peculiar’ de entendermos a nós mesmos”. Tal assertiva se assenta sobre um viés teórico de desnaturalização. A concepção moderna de sujeito herda da filosofia platônica e da tradição hebraica, retomadas posteriormente pelo Cristianismo, pelo Humanismo e pelo Idealismo Alemão confere ao sujeito a existência como uma unidade que seria o centro dos processos sociais (VEIGA-NETO, 2016). Porém, tanto nos Estudos Culturais quanto nos estudos foucaultianos o sujeito não é algo dado, acabado e, portanto, não é considerado centro ou manifestado a partir de unidade consciente e soberana de si. Não é a toa que os modos de subjetivação – considerados a partir da hipótese do descentramento do sujeito - se tornam efeito de práticas culturais. Segundo Silveira (2017) os processos de construção de representações excludentes, se forem considerados a partir de um enfoque ético-político, produzem formas de subjetivação em meio a conflitos, contradições e relações de poder porque, social e culturalmente, os sujeitos se deslocam a partir da subjetivação e (do risco) da sujeição.

O sujeito, em parte, é escravo de um corpo biológico e fruto dos interesses da sociedade, adiando sempre seus interesses e vontades,

pois o problema é sua aceitação pelos outros, independente de sua integridade orgânica, ameaçado por dentro e por fora a cada dia – a sujeição (OSÓRIO, 2015, p. 65).

Discursivamente, o sujeito não é transparente para si mesmo e a noção de subjetivação ao invés de subjetividade remete etimologicamente a este processo em devir que nunca é acabado, está sempre em movimento “porque se o sujeito não é uno, completo e soberano, a identidade passa a ser vista, sob este viés, como não sendo alheia a uma multiplicidade de representações possíveis” (SILVEIRA, 2017, p. 182). Não apenas discursivamente, culturalmente a identidade não pode mais ser pensada, portanto, como emergindo de um centro interior, mas da tensão entre os discursos da cultura e o desejo consciente ou inconsciente de identificar-se com os significados que constroem o sujeito pela cultura enquanto prática social que institui efeitos de verdade e modos de vida, pois “toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência. As práticas sociais, na medida em que dependem do significado para funcionarem e produzirem efeitos se situam ‘dentro do discurso’, são ‘discursivas’” (HALL, 1997, p. 33, grifos do autor). Outrossim, para Silva (2000), as formas de subjetivação abrigam processos de identificação-diferenciação diversos e contraditórios, resultantes de representações descentradas e instáveis culturalmente. Tal instabilidade está relacionada ao descentramento do sujeito e à problematização da noção de verdade.

Destarte, a problematização constante da verdade, tanto nos estudos culturais quanto nos estudos foucaultianos, não implica em sua negação irracional, mas na busca de políticas envolvidas na produção de verdades, pois são inseparáveis das políticas que as instituíram (VEIGA-NETO, 2016). Dessa forma, conhecer tais políticas se articula a percorrer instâncias de jogos de poder envolvidos na imposição de significados para desconstruir

verdades daí derivadas a fim de buscar pensar de modo diferente e desnaturalizar modos de existência (re) produzidos no âmbito das práticas sociais.

Assim, está sempre nas agendas dos hipercríticos uma preocupação não apenas em compreender o mundo como, também e muitas vezes principalmente, em modificar o mundo. No caso dos Estudos Culturais, está sempre patente o engajamento. Mesmo em suas versões mais recentes e mais impregnadas com as concepções pós-estruturalistas que se despedem da continuidade e da teleologia da história, os Estudos Culturais são, ao mesmo tempo, um campo de conhecimentos e de militância. O mesmo acontece com Foucault: muito embora seja bastante comum buscar-se na perspectiva foucaultiana as ferramentas para tão somente descrever, analisar e entender determinadas práticas e configurações sociais, justamente ao fazer isso fica-se diante da possibilidade de se articular algum novo arranjo, diferente daquele que estava sob escrutínio. Em ambos os casos, está presente uma clara inconformidade, uma atitude explícita contra as condições do presente ou, no mínimo, desconfiada dessas condições (VEIGA-NETO, [s. d.], s. p.).

Neste ponto, é que este artigo propõe a análise de cenas do filme *Little Miss Sunshine* (2006), dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris, que permite o questionamento da produção de verdades acerca da busca pelo corpo feminino perfeito, tomada a partir da coisificação do corpo e da perfeição inacabada em um corpo que é visto como frágil, sutil e bonito, mas desarticulado de padrões vigentes em um concurso de beleza, porém sem estar desatrelado da corpolatria (COURTINE, 1995)<sup>5</sup>. Na produção cinematográfica, a pequena Olive (Abigail Breslin) acaba sendo a candidata inscrita no concurso “*The Little Miss Sunshine*” na Califórnia e a família, com todas as suas excentricidades e dificuldades típicas, resolve levá-la até a competição.

Sendo assim, propomos a análise de cenas que enfocam a tentativa da família em não frustrar os objetivos da pequena Olive mesmo sabendo que a menina não possui o corpo exigido pelos

<sup>5</sup> Para Silveira (2012, p. 31) a contribuição de Jean-Jacques Courtine é de apresentar, através de “exemplos históricos, o fascínio da sociedade atual com o que ele chamou de corpolatria, uma obsessão desenfreada pelas partes que o compõem em uma busca para estabelecer um acordo com aquilo que se foi considerando modelo como o passar dos anos”.

padrões dos tradicionais concursos de beleza. Também realizaremos a uma observação sobre a construção da identidade de gênero a partir dos estereótipos assim como os modelos familiares que são revisitados pela produção cinematográfica constantemente com as outras personagens.

Introduzimos a presente análise nos debruçando sobre uma fala de abertura do documentário *A Identidade de nós mesmos* (1989), do diretor Win Wenders,

Você mora onde mora, faz seu trabalho, você fala o que você fala, come o que você come, veste as roupas que veste, olha para as imagens que vê. Você vive como pode viver. Você é quem você é. “Identidade”... de uma pessoa, de uma coisa, de um lugar. “Identidade”. Só a palavra já me dá calafrios. Ela lembra calma, conforto, satisfação. O que é identidade? Conhecer o seu lugar? Conhecer o seu valor? Saber quem você é? Como reconhecer a identidade? Criamos uma imagem de nós mesmos e estamos tentando nos parecer com essa imagem. É isso que chamamos de identidade? A reconciliação entre a imagem que criamos de nós mesmos e nós mesmos? Mas quem seria esse “nós mesmos”? (IDENTIDADE, 1989, s. p.)

A fala de Wenders na abertura de seu documentário favorece a abertura para debatermos a questão da identidade dentro da sociedade atual. Aquilo que parece nos definir, que nos une, nos separa, nos diferencia, nos assemelha, nos faz pertencentes de um lugar ou de um país, é o ponto nevrálgico da construção de uma espécie de formas subjetivadoras de identificação e desidentificação. Conseguimos nos reconhecer dentro de padrões estabelecidos pelo lugar em que vivemos, pelas roupas que usamos, pelos núcleos sociais em que estamos inseridos, pela comunidade em que vivemos e partilhamos interações e assim por diante.

Assim como se questiona Wenders, a criação de nossa identidade passa pela tentativa incessante de nos reconhecermos no outro e em nós mesmos. É um processo de construção contínuo que se vale de uma construção psicológica amparada por diversos fatores externos como a influência familiar, a força da mídia e os parâmetros históricos,

por exemplo. Dentro desse emaranhado de ideias e suposições, está a tentativa do ser humano em adequar-se ao meio em que está inserido e que tende a viver socialmente:

A busca permanente em dar um sentido de si, de se encontrar no mundo, nos faz afirmar que a identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si, trazendo uma dinâmica permanente entre indivíduo e o meio externo, o outro. Assim, as estruturas identitárias encontram-se constantemente renovadas pelo seu caráter dinâmico e múltiplo, construídas e reconstruídas a todo o momento. Os sucessivos processos de socialização conferem à palavra eu o conteúdo de diversos “eus” (CRAIB, 1998), os quais o indivíduo procura constantemente entender. (MORAES; FAQUERI, 2015, p. 4)

Neste âmbito, vale considerar que “identidade é sempre em parte uma narrativa, sempre em parte um tipo de representação, está sempre dentro da representação” (HALL, 1991, p. 49). Para Eco (2012) é preciso reiterar que para Stuart Hall as identidades são política e culturalmente construídas em instâncias históricas distintas, privilegiando-se, assim, a forma discursiva das identidades o que permite pensar na localização da ação humana dentro da organização social. Isso porque posicionar sujeitos implica perceber que as identidades são produzidas mediante práticas sociais nas quais os atores podem e engajar em projetos concretos “informados pela cultura, mas também produzindo e reproduzindo-os na prática” (CALHOUN & SENNET, 2007, p. 10). Em termos de corpo pode ser acentuado que o corpo é uma realidade cultural e histórica o que, segundo Ieda Tucherman (1999), remonta ao pensamento de que os seres humanos migraram historicamente de uma forma de “ser” um corpo para formas de “ter” um corpo. Na contemporaneidade, o corpo é uma *assemblage*, do qual podemos substituir peças, incorporar performances, operar modificações de si cultural, tecnológica e coletivamente orientadas.

Por outro lado, ter um corpo implica responsabilidades: esta artificialização da vida que se dá em nome do prolongamento e da correção inadequadas, exige bastante. Isso aparece na rigidez dos exercícios e da obediência a um conjunto imenso de normas que incluem alimentação controlada, codificação da relação com as bebidas alcoólicas e energéticas, *check-ups* permanentes num apertado controle de si e de um virtual uso dos prazeres. Não foram poucos os teóricos que viram na prática do *body-building* sua genealogia religiosa (TUCHERMAN, 2012, p. 250-251).

Neste contexto os rituais, as repetições de gestos e reproduções de comportamentos engendram modos de vida e a produção de sentido em sociedade que se tornam fatores preponderantes para pensar o estudo da cultura. Para isso, se torna necessário, sob a égide dos Estudos Culturais, uma investigação “dos modos pelos quais os processos sociais se transformam em formas culturais pela atividade prática e por sua vez configuram a improvisação de práticas” (CALHOUN & SENNET, 2007, p. 05). Por isso, por haver um terreno de práticas e de representações pelo qual os sujeitos interagem e agem entre si e por causa da implicação de uma noção de sujeito que não seria origem de si, mas atravessado pela cultura, Hall destaca que “esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (Hall, 2006, p. 9). Para o autor, o descentramento além de operar sobre si diz respeito ao lugar dos sujeitos no mundo social e cultural, resultando em crises de identidade. Tais crises emergem porque se fragmentam as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, sexualidade, nacionalidade que, no passado, forneciam bases que se apresentavam como sólidas. Não é a toa que Hall cita o crítico cultural Kobena Mercer, para quem “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p.43).

Em *Little Miss Sunshine*, a busca pela identidade está presente na busca de toda a família: o pai que busca ser um bem sucedido escritor de best-sellers de autoajuda para ser modelo aos filhos, mas que encontra dificuldades em vender sua teoria; a mãe que preza a honestidade e o bem-estar familiar, mas mente sobre seu vício compulsório de fumante; o irmão adolescente, típico rebelde, que faz um voto de silêncio até conseguir o ingresso para a Força Aérea Americana; o avô paterno expulso de um asilo pelo uso excessivo de drogas; e um tio, acadêmico reconhecido, que tentou o suicídio após ver sua teoria roubada pelo seu ex-cônjuge e ser trocado por um rapaz mais jovem. Trata-se de práticas e representações relacionadas à busca de pertencimento àquele núcleo social como forma de visibilidade social. Conforme mencionado anteriormente, as identidades são produzidas mediante práticas sociais nas quais os atores podem e engajar em projetos concretos. Desse modo, as frustrações da família de Olive são tentativas desses membros de se sentirem pertencentes à comunidade em que vivem e possuem a capacidade de socialização pautada no

status dos bens, sejam de consumo ou intelectuais.

A família se une por um objetivo comum: realizar o desejo de Olive de participar do concurso. Para isso, todos saem em excursão dentro de um Kombi por três dias do Novo México até a Califórnia. O avô era o responsável por ensaiar e ajudar a garota em seu número de apresentação para o concurso. O maior medo de sua mãe é que Olive se frustrasse por não poder participar do concurso e por isso convence todos a irem juntos e aceitarem o desafio de viajar até outro estado em condições adversas. Por ser dócil e simpática, Olive contagia sua família e acaba unindo-os nessa jornada.

A alegria da garota quando recebe a notícia de que poderá participar do evento demonstra a importância do certâmen para ela e, além disso, revela um elemento interessante da cultura estadunidense: os concursos de beleza infantis. Segundo Magalhães (2017) estima-se que só nesse país este mercado movimenta em torno de cinco bilhões de dólares por ano e que mais de cem mil crianças participem desses eventos. Na cena abaixo, tem-se reproduzida a reação da menina ao ser selecionada para um concurso de beleza infantil.



Figura 1: reação de Olive. Fonte: Dayton e Faris (2006 – 00:16:46)

Como, a partir dos Estudos Culturais e foucaultianos pensa-se o corpo como realidade cultural e histórica, a reação da menina pode ser situada a uma contingência social e historicamente determinada. Neste caso, a instituição de concursos de beleza se articula a um modo de vida relacionado a zonas de pertencimento que estão associadas a deslocamentos de identidade que reproduzem formas de agir perante a sociedade. Ser reconhecido como pertencente ao mundo das pessoas elegíveis para um evento deste nível é, então, simbolicamente, inscrever-se, por meio de práticas e legitimações sociais em um meio coletivo específico onde se fazem presentes normas, regulações e condutas particulares. Também ocorre um efeito de distinção em relação a um escopo humano de sujeitos que não foram selecionados. A seleção, por si só, produz um duplo efeito de angariar pertencimentos e excluir aquilo que é diferente. Todos estes elementos são historicamente determinados.

Dizer que algo é historicamente determinado é considerar que este algo tem “uma história”, que foi concebido num “determinado tempo”, numa “época específica”, num “certo contexto”. A frase [...] reitera o entendimento de que todo conhecimento é temporal, é circunstancial, é contingencial (FURLANI, 2007, p. 11).

Vale destacar que a famigerada obsessão por esses tipos de concursos se tornou tão expressiva que um canal de televisão fechada TLC criou um *reality show* sobre tais certames. Intitulado *Toodlers & Tiaras* na versão original (em português a versão foi intitulada de *Pequenas Misses*), o programa acompanha a vida de algumas garotas candidatas de diversos concursos de beleza pelos Estados Unidos: mostram o apoio familiar, os preparativos e ensaios para seus números durante os eventos, as expectativas antes, durante e depois das competições e os resultados obtidos. Mais que expectadores, a existência do programa e o alcance da ditadura

da beleza que podem ser situados não apenas no terreno das representações e (des) identificações, mas no terreno efetivo das práticas que se articulam a concursos de beleza feminina como um todo. A esta altura, cabe situar a questão do olhar panópticamente orquestrado e reproduzido no seio cultural da sociedade. Isso porque todos vigiam uns aos outros e também vigiam a forma como se deslocam, observando como se sentam, como trabalham, como se portam em sociedade, como cuidam da aparência, tornando autovigiados todos os sujeitos. Tal autovigilância se articula a relações de poder que atravessam corpos e formas de subjetivação.

Ao inculcar a obediência e a docilidade, e na medida em que tem um efeito dissuasivo com relação aos comportamentos anormais, o “panóptico”, sob suas formas arquitetônicas, fotográficas ou informáticas, constrói o instrumento perfeito do biopoder. É esse o motivo porque o “panóptico” pode se tornar, como diz Foucault, a nova Bastilha: um poder invisível e coercitivo capa de regular e de normalizar insidiosamente nossos corpos sem que mesmo o saibamos (BRAUER, p. 167).

Como elemento cultural histórico nos Estados Unidos, esses concursos acabam definindo modelos e estabelecendo padrões de beleza para a população infantil deste país e tal movimento gera uma série de consequências como a adultização das crianças como tentativa de um amadurecimento precoce e de uma antecipação de etapas da vida infantil. Logo em uma das primeiras cenas do filme Olive aparece concentrada na premiação do concurso de *Miss América 1997* para poder reproduzir as reações das candidatas ao receberem o resultado. Sua obsessão pelos concursos de beleza se torna visível ao espectador neste momento e, quando a câmera amplia a imagem, retirando o foco dos olhos da garota, permite já um primeiro questionamento quanto à idealização do corpo infantil e feminino ao contrapor a imagem do corpo de Olive à das candidatas no vídeo à sua frente.





Figura 2: Olive em frente à TV. Fonte: Dayton e Faris (2006 – 00:01:25)

O ângulo da cena permite ao espectador evidenciar o contraste entre o corpo infantil e ainda em desenvolvimento de Olive em comparação com as mulheres candidatas presentes no concurso reproduzido pelo vídeo em sua televisão. Mesmo com o corpo fora dos padrões para a competição que está assistindo, Olive parece obcecada pelas reações e expressões das mulheres ali destacadas e quando as reproduz alimenta o desejo de se equiparar a elas de alguma maneira.

Essa obsessão não fica por conta somente de Olive, mas também é mostrada, por exemplo, na tentativa do seu pai em vender sua ideia de “pessoas vencedoras” para uma plateia pequena e de seu irmão buscando um bom condicionamento físico para tornar-se apto a uma vaga na Força Aérea Americana. Tais atitudes refletem a busca pela identidade das personagens, que será reforçada e posta em debate ao longo da trama muitas vezes. Hall (1997) se referiu a uma expansão, a partir da segunda metade do século XX, a uma expansão da cultura e os reflexos dessa expansão no corpo social. Para isso, menciona que a cultura é constitutiva de toda a vida social adquirindo centralidade e, ao incidir sobre o social permite pensá-la sob outras conformações teóricas repercutindo, assim,

na produção do conhecimento considerando a dimensão simbólica porque a cultura constitui significado forjando subjetividades.

Vale ser acentuado que é o contexto de convivência social que subjaz a esta perspectiva e permite observar que tanto Olive quanto o irmão tem suas ações permeadas de cultura porque estão atravessados por uma concepção de vida relacionada à aparência, que se torna marca do indivíduo e reiteram a necessidade de tornar-se “empresário de si mesmo” (GADELHA, 2009, p. 156). Historicizar a beleza na forma como emerge e se (re) produz no âmbito social permite revelar como se dá a apropriação das tramas discursivas que estão enoveladas de práticas e de representações e incidem sobre a formação de subjetivações diversas. O fantasma da derrota assombra aqueles que buscam ser empresários de si mesmos e isso impõe, culturalmente, um esforço individual para se aproximar e relegar-se a critérios historicamente validados e relacionados ao sucesso pessoal.

Neste contexto, a obsessão do pai em conseguir resultados sempre positivos a partir de suas ideias motivacionais é mostrada como um modelo a ser seguido por Olive em sua luta pela coroa do concurso. O pai parece aceitar a viagem

à Califórnia mais porque a filha disse que poderia e iria vencer o certame que pela insistência de sua esposa em realizar o desejo da garota. O mesmo vale para seu irmão: somente aceita ir com toda a família na viagem porque a mãe lhe concede permissão para entrar na academia de aviação ao retornarem. Assim, a obsessão de parte da família por alcançar os modelos sociais desejados se concentra na garota e na sua disputa no concurso de beleza, pois a vitória dela comprovaria a teoria de autoajuda criada pelo pai e abriria espaço para que o irmão realizasse seu objetivo como piloto de aviação.

Na produção cinematográfica, vale destacar que o pai de Olive prefere omitir da filha de sete anos o verdadeiro motivo pelo qual seu tio está morando temporariamente com eles porque julga ser um assunto inapropriado para uma criança, porém admite a participação da garota em um concurso de beleza. Também é interessante

que o seu avô paterno tem sérias críticas ao comportamento suicida do tio materno de Olive assim como à sua sexualidade, mas não se sente incomodado ao fazer uso de cocaína escondido no banheiro nem de colecionar revistas pornográficas no mesmo ambiente familiar que compartilha com sua neta. Tais considerações permitem afirmar que as identidades são contraditórias e multifacetadas porque ainda que se defenda um empreendimento de si mesmo para os outros como modelo de comportamento a ser seguido, também os personagens se deslocam entre o modelo de identidade e a heterogeneidade de representações e filiações possíveis à cultura. Isso ocorre porque os seres humanos “utilizam sistemas ou códigos de significado para interpretar, organizar e regular sua conduta, enfim, para dar sentido às próprias ações, bem como às ações dos outros: são suas culturas” (HENNIGEN & GUARESCHI, 2006, p. 58).



Figura 3: família na mesa. Fonte: Dayton e Faris (2006 – 00:11:46)

Na cena anterior, o pai elogia a disciplina do filho em conseguir seu objetivo ao mesmo tempo em que critica a postura do seu cunhado ao tentar suicidar-se. Ainda mais, prefere que Olive não saiba os verdadeiros motivos dos ferimentos do tio nos braços e afirma que ele é um homem doente mentalmente. A depreciação da imagem do tio diante da garota serve também para mostrar

que ele não deve ser um modelo a ser seguido por ela em busca de sua identidade, evidenciando os aspectos negativos presentes na conduta de seu cunhado. Contraditoriamente, a atitude do pai de Olive se esbarra na liberdade que o seu avô possui em conviver próximo à menina mesmo possuindo antecedentes de conduta inadequados para o padrão social estabelecido dentro da família. Com isso, os

padrões sociais pré-determinados e o senso de moralidade adquirido ao longo do tempo conflitam com as ações das personagens pertencentes à família de Olive. Promove-se assim, a incitação, desde cedo, a uma autovigilância na menina para que ela não reproduza comportamentos inesperados por causa do risco de sofrer depreciação como no caso do tio. Sem perceber, ela vai sendo inserida em um cenário de reprodução de identificações com as quais precisa filiar-se para angariar aprovação de sua família. Num escopo social mais abrangente, em relação ao concurso de beleza, por exemplo, tem-se o reforço da padronização corporal que incita a uma corpolatria necessária para que possa se inscrever no ambiente de vencedoras. Noutro momento, isso ficará mais evidente.

Constantemente dentro desta narrativa cinematográfica é colocado em discussão, por meio das atitudes contraditórias das personagens, uma suposta ingenuidade e uma tentativa de preservação da imagem infantil de Olive com o desejo de participação no concurso de beleza e da difícil viagem de toda a família para realizar o sonho da garota. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que as personagens entendem que Olive ainda é uma menina de sete anos e precisa ser orientada sobre diversos assuntos, a família pretende a realizar seu

desejo que entra em confronto com um princípio de manutenção da vida infantil, fortalecendo o amadurecimento precoce e um culto ao corpo e à padronização da beleza feminina a partir dos modelos estabelecidos por ditos concursos infantis. Vale destacar que o desejo que se apresenta como sendo dela é atravessado pela cultura e pela construção de significados relacionados a modos de vida associados ao culto da beleza social e historicamente instituída e reproduzida. Isso corrobora a noção de subjetivação, pois, conforme mencionado anteriormente, nem nos Estudos Culturais nem nos estudos foucaultianos, o sujeito é percebido como soberano ou origem dos discursos que o constituem.

Nas três cenas posteriores, a relação entre o sujeito e o padrão a ser alcançado se torna matéria de representação. Na figura 4, se tem a reprodução da cena em que a mãe e a filha chegam ao camarim das candidatas. Nas figuras 5 e 6 a câmera mais uma vez amplia a cena e mostra a relação entre Olive e outra menina na qual o corpo da garota é diferente e o de Olive está distante do padrão histórica e culturalmente estabelecido para concursos de beleza e permite problematizações em relação ao culto ao corpo perfeito e à padronização da beleza feminina.



Figura 4: Olive e sua mãe entram no camarim das candidatas. Fonte: Dayton e Faris (2006 – 01:16:57)



Figura 5: o que Olive vê. Fonte: Dayton e Faris (2006 – 01:17:01)

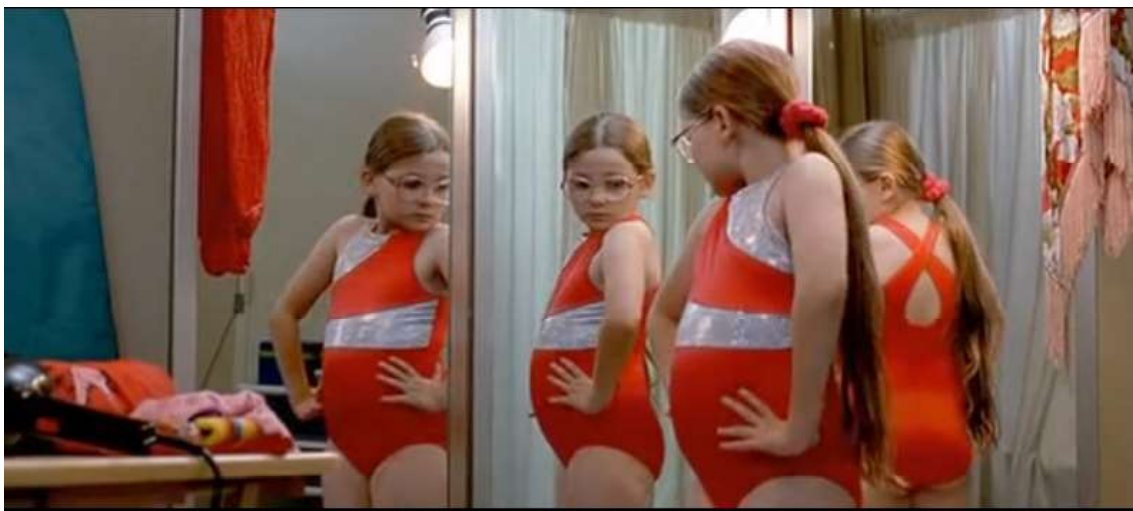


Figura 6: Olive entre espelhos. Fonte: Dayrton e Faris (2006 - 01:21:31)

Na figura 4, a chegada da mãe e da filha é marcada, metaforicamente, pelo encontro da norma com a diferença. Na vida social, é comum que ambos se encontrem e a pluralidade de formas que os corpos podem apresentar não é novidade. Porém, em circunstâncias específicas, essa diferença é marcada pela hierarquização valorativa de pessoas e instituições. A emergência de diferentes formas de corporalidade parece não surtir efeito no concurso no qual Olive vai participar. Isso porque a autovigilância, estimulada pela inscrição na cultura da beleza padronizada vai surtir efeitos na menina.

A reação da outra menina, que está sendo arrumada pela mãe, que opera objetos de

modificação do cabelo, por exemplo, externa metonimicamente a forma como a sociedade reproduz o culto à beleza: o desdém e o riso são modos de responder àqueles que não seguem padrões vigentes em determinada época da história. Nesta cena, Olive e sua mãe aparecem de costas para o espectador e o enfoque da câmera se dá em relação à cena que é observada por ambas.

As figuras 5 e 6 representam duas formas de olhar: para os outros e para si, situadas no mesmo contexto de observação. Na figura 5 a adultização é evidente: a mãe da outra candidata, ao arrumar o cabelo da filha, chega a colocar bobs para modificar o formato dos fios de cabelo a fim

de que chame mais atenção que as outras meninas. Na figura 6, tem-se a representação do desconforto de Olive em relação a si mesma. No âmbito dos Estudos Culturais e nos estudos foucaultianos as relações de poder são pensadas a partir das relações cotidianas situadas no bojo das relações humanas e “são sutis, múltiplas e se dão em diversos níveis” (FOUCAULT, 2004).

Na figura 6 o foco da atenção da cena é a barriga. Faz séculos que as pessoas sofrem reprovações morais por estarem fora de forma. E “forma”, aqui significa “norma”. Mas a obsessão pelo corpo magro não foi sempre a regra. Faz muito tempo, a valorização das curvas mais volumosas deu lugar ao culto à magreza. Para o historiador Georges Vigarello (2012) a figura do gordo já esteve associada aos signos de riqueza e de formosura, sendo, portanto, símbolo de prestígio. Foi no século XVIII que surgiram graus de gordura e a preocupação com a gordura como desordem do corpo, passando a ser associada à doença e tornando-se alvo de constrangimentos. Antes, falava-se em corpulência, com o tempo começou a se falar em obesidade no campo de estudos das ciências médicas que passaram a associar, por volta do século XIX o excesso de gordura com impotência e, em seguida, a problemas respiratórios, circulatórios e digestivos.

A palavra obesidade vem do latim *obesitas* e teve aparição nos dicionários franceses do mesmo século. A gordura é vista sob o viés da moralidade no qual os gordos são associados a detentores de uma gula insaciável. Chegou-se a afirmar, inclusive, que eles comeriam tanto que o faziam pelos outros. Com o tempo, emergiram categorias estéticas. Para Vigarello (2012) não foram as categorizações médicas que transformaram a gordura em algo recusado socialmente. Foram as categorias estéticas: gordura foi, com o passar do tempo, cada vez mais associada ao contrário de belo. Foi então, entre o final do século XIX e o início do século XX,

que o excesso de vigilância banalizou-se e se deu o apogeu do enaltecimento ao corpo magro, cuja valorização social não cessa de surtir efeitos até hoje. A importância de situar a abordagem na história e dizer que tanto a depreciação à gordura quanto o enaltecimento à magreza são acontecimentos historicamente situados é perceber que, se Olive vivesse noutro período talvez a reação dela em relação às medidas do corpo não fosse a mesma.

Neste contexto, o foco na aparência que engendra comportamentos e objetificações permite lembrar que houve uma época em que as crianças foram vistas como adultos em miniatura. Philippe Ariès (1978)<sup>6</sup>, ao apresentar um interesse histórico pela infância que é apresentada como sendo construção social apresentou seus estudos baseado na iconografia da era medieval à modernidade. Isso permitiu ao autor afirmar que a infância é um produto da vida moderna que é resultado de modificações operadas na estrutura social. Em relação à Antiguidade ele afirma que ocorreu uma ausência do sentimento de infância. Para isso, considerou os índices de mortalidade que eram expressivos e a forma de vestir, os brinquedos, a linguagem e concluiu que não havia separação entre infância e mundo adulto, pois a criança era considerada um adulto em miniatura. Não é que as crianças não existissem, mas que “não existia este objeto discursivo a que hoje chamamos infância, nem esta figura social e cultural chamada ‘criança’” (CORAZZA, 2002, p. 81).

O que se pode notar no filme é que esta adultização se faz presente porque não há singularidade que separe as crianças do mundo adulto, elas são inseridas em contextos que se caracterizam por ser reproduções de instâncias do

<sup>6</sup> Os estudos de Ariès servem para compreender que a infância é uma categoria da modernidade e, apesar das críticas à metodologia utilizada, no que diz respeito à iconografia, não deixam de ser um marco para compreender a infância como construção social historicamente situada e articulada à história da família e das relações de produção porque as crianças não tinham função social antes de começarem a trabalhar (ANDRADE, 2010).

mundo dos adultos (conforme pode ser notado na figura 7 abaixo). Dessa forma, a significação social e subjetiva da infância não é possível, pois, tal como antes, se volta a vê-las como adulto em miniatura, porém, à custa de uma especificação: não é a função social das crianças que só passa a existir quando trabalham, mas o reflexo da vida adulta que se faz presente simbolicamente, no culto à beleza que engendra comportamentos e está permeado

de relações de poder. O estado do corpo das meninas, então, representa o “êxito” das técnicas de governamentalidade a partir da lógica de reprodução de identidades sociais que reforçam modos de vida normatizantes. Trata-se de cristalizações sedimentadas acerca da beleza que requerem, para além das discussões acerca da normalização e disciplinamento dos sujeitos, a desnaturalização de saberes (SANTOS, SILVEIRA & SILVA, 2016).



Figura 7: cena do desfile. Fonte: Dayton e Faris (2006 - 01:21:16)

Na cena anterior (figura 7) é perceptível a diferença entre o padrão corporal das outras candidatas do concurso e o corpo comum de Olive. Além disso, podemos perceber a caracterização das outras garotas concorrentes como se estivessem disputando o concurso adulto pela quantidade de detalhes em seus trajes e no cuidado excessivo com seus cabelos e uso de maquiagem. A artificialização de corpos, resultado dos efeitos da corpolatria nas demais meninas, permite perceber que o comum, encontrado em qualquer criança saudável, passa a ser considerado, no contexto de um concurso de beleza infantil, algo que, simbolicamente fica relegado às sombras da desqualificação e da moral depreciativa. Pode ser então destacado um detalhe importante: Olive,

que não é exemplo de padronização corporal via beleza provável em concursos de miss tem a si, na figura 7, encoberta pela falta de luz enquanto que as demais candidatas estão sendo alvo dos holofotes. Também se pode notar a expressão facial de todas que esboçam um sorriso largo exagerado como requisito básico para conquistar a plateia e convencer os jurados, familiarizadas, portanto, com os preceitos recomendados para performance de acordo com a instância na qual estão se apresentando.

Se diante dos olhos de cada sujeito desenhase a inevitável imagem que o espelho impõe é através desta grade que cada um terá de falar, olhar e ser olhado (FOUCAULT, 2013). O olhar que confere hierarquizações valorativas aos detalhes é

que vai produzir um efeito de direcionamento em relação ao que esperam das meninas no concurso e a forma como são apresentadas. A diferença fundamental reside na objetificação, na modificação e na reconstituição dos corpos femininos visando o sucesso, a valoração positiva, a aceitação social via acatamento de padronização corporal. Trata-se de um caminho no qual a falta as constitui.

Sendo assim, na busca daquilo que falta em relação aos corpos quando estes são percebidos a partir de sua incompletude constituinte, que escapa aos padrões de beleza vigentes, os sujeitos deixam-se engendrar em comportamentos engendrados a partir de propagandas que vendem utopias o que faz com que cada vez mais o cuidado de si seja negligenciado, porque o corpo se torna instrumento (dócil) das manifestações do poder. Cegos pela corpolatria contemporânea, os corpos são objetificados, modificados, destituídos, reconstruídos em intervalos cada vez mais frequentes, que revelam a busca pelo distanciamento da exclusão dos corpos fora dos padrões (SILVEIRA, AGUIAR & COSTA, 2017, p. 502).

Do mesmo modo, destacamos a postura das candidatas e a de Olive: enquanto esta está com uma postura comum, em pé, as outras meninas apresentam a postura semelhante à postura de

desfile e apresentação de misses da categoria adulta, colocando uma perna diante da outra e mostrando suas coxas. Vale também ressaltar que esta cena é o encerramento do desfile de traje de banho e todas as candidatas, exceto Olive, caminham na passarela de uma forma sensual com o objetivo de mostrar seus atributos físicos. A única que apenas caminha normalmente, sem afetações, e procura o olhar do pai em busca de segurança quanto ao seu andar é Olive. A música de fundo para este desfile também remete a um ambiente fortemente sexualizado que conflita com a natureza infantil das candidatas ali presentes.

Mas nem tudo é exclusão na obra cinematográfica em questão. O apoio da família ao desejo de Olive é incondicional e é revelado em vários momentos da trama. Um deles é quando, em sua apresentação, pai, irmão e tio sobem ao palco para acompanhá-la em sua coreografia elaborada pelo então avô paterno quando vivo. Neste âmbito, por mais dificuldades que cada componente da família possuía, eles se unem com o propósito de encorajar e realizar o sonho da garota conforme pode ser percebido na figura 8:



Figura 8: participação dos homens da família no desfile de Olive.

Fonte: <http://contemoh.ig.com.br/pequena-miss-sunshine-embarque-nessa-divertida-historia/>

Para Olive, nesta cena, o ato de os três membros a ajudarem a continuar sua apresentação até o fim mesmo que esteja fora dos padrões estabelecidos pelo concurso é significativo. O apoio deles e a concretização de sua participação no evento, ganhando ou não, é o que realmente importam para a menina. Nesse sentido, “a reflexão sobre o si mesmo, subjacente à ética do cuidado, permite vislumbrar duas pedagogias: uma que se volta para a produção do sujeito e outra que visa transformá-lo” (SANTOS, SILVEIRA E SILVA, 2016, p. 1276). A partir da retomada da Antiguidade Greco-romana por Michel Foucault<sup>7</sup> a tematização do cuidado de si e dos outros emerge como caminho de reflexão crítica às instituições pedagogizantes para responder aos desafios de desnormalização possíveis que, ao invés de corroborar normas e regulações de comportamento excludentes, permitem outros posicionamentos emancipadores.

Neste sentido, a atitude de Olive contrapõe um dos objetivos do concurso que é a competição pela beleza, propiciando uma desconstrução da imagem em relação à participação dela nesse evento. Seu objetivo ali vai além da competição de beleza infantil e alcança o patamar da reflexão sobre a exploração do corpo infantil e feminino. Para Humberto Castrillón (2003) a noção de cuidado de si está relacionada a processos de subjetivação que se articulam a questões políticas, éticas e pedagógicas. A necessidade de problematização e de desconstrução de naturalizações impostas reforçam o debate em torno da formação humana.

No escopo das investigações que foram até o momento apresentadas pode ser mencionado que se a cultura não é um organismo estático ou homogêneo tampouco a identidade o é. Torna-

se, portanto, importante pensar a identidade como heterogênea e multifacetada, associada a produções de subjetivação que, embora diversas, são historicamente situadas. Ao considerar a obra cinematográfica, notou-se a presença de diversas formas de desidentificação-diferenciação da protagonista em relação ao meio social no qual se situa durante a narrativa. “Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (SILVA, 2000, p. 83). Isso porque as identidades, frente à diferença, podem resultar em outros arranjos e combinações, como quando Olive encontra-se no concurso de beleza e, mesmo percebendo o entorno, preserva as formas de desidentificação com aquele contexto, ainda que, em alguns momentos, como quando fica em frente ao espelho e observa as demais candidatas, sinta sobre si recair o peso da regulação excludente de corporeidades.

Nesse sentido, é fundamental poder mostrar que o que é deixado de fora – a diferença, o “outro” – é parte inerente da constituição do dentro – da identidade. A produção da identidade faz-se a partir de um movimento que busca fixá-la e estabilizá-la e, ao mesmo tempo, comporta um outro movimento, que tende a subvertê-la, desestabilizá-la. Assim, as identidades, na perspectiva dos estudos culturais, são compreendidas como móveis, instáveis, e os encontros com a diferença acabam constituindo novas combinações (HENNIGEN & GUARESCHI, 2006, p. 70).

Pensando nas formas de subjetivação contemporâneas, situamos o presente trabalho num viés historicamente orientado, o que permite concluir que as transformações nos modos de ver o corpo fora dos padrões de beleza vigentes são determinadas pelo contexto social e cultural. Assim como o culto à magreza não foi sempre a ordem do dia, a visão da infância como resultado de modificações na estrutura social permite percebê-la como um conceito forjado na modernidade. Porém, quando meninas são chamadas a participar de concursos mirins de beleza a visão da criança como



um adulto em miniatura está ligada ao conceito de aparência e ao reflexo da vida adulta que se faz presente simbolicamente, no culto à beleza que engendra comportamentos e está permeado de relações de poder.

Dessa forma, a significação social e subjetiva da infância, então, precisa resgatar modos de vida que possam promover a emancipação dos sujeitos ao invés de estimular a sujeição às práticas que reforçam estruturas sociais de beleza hierárquica e culturalmente orientadas a partir de regulações excludentes. Neste sentido, criar condições teóricas para perceber a mecânica de funcionamento do poder enquanto feixe de relações ou as formas de subjetivação atravessadas pela diferença que as constitui visa permitir que os seres humanos se libertem do poder. Está, portanto, acima de uma articulação teórica entre campos singulares do pensamento. Permite pensar a atualidade, criticar naturalizações e estranhar familiaridades do passado reinventando subjetivações, modos de ser consigo mesmo, com os outros e nas relações sociais como um todo.

## Referências

- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BRAUER, Fae. Biopoder. In: MARZANO, Michela (Org.). *Dicionário do corpo*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 164-167.
- CALHOUN, Craig. SENNET, Richard. Introduction. In: CALHOUN, Craig; SENNET, Richard. (Orgs.). *Practicing culture*. Londres/Nova York: Routledge, 2007.
- CASTRILLÓN, Humberto. Foucault, Pedagogo? *Revista Educación y Pedagogía*, v. 15, n. 37, p. 201-216, 2003.
- COURTINE, Jean Jaques. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANTANA, D. B. (org.) *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Infância e educação: Era uma vez... Quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.
- CRAIB, I. *Experiencing identity*. London: Sage Publications, 1998.
- ECOSTEGUY, Ana Carolina. Sobre os desafios atuais à prática em Estudos Culturais: uma autocrítica. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. (ORGS.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: editora da ULBRA, 2012, p. 101-110.
- FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*. Paris: Gallimard, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P. E DREYFUS, H. *Michael Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos V: Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 56-76.
- GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, pp. 15-46, 1997.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In: KING, Antony D. (Org.). *Culture, Globalization and World-System*. Londres: Macmillan, 1991.

- HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. *Psic. da Ed.*, n. 23, p. 57-74, jul./dez. 2006.
- HUISMAN, Denis. *Dictionnaire des philosophes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- IDENTIDADE de nós mesmos. Produção de Wim Wenders e Ulrich Felsberg. Berlim: Road Movies Filmproduktion GmbH, 1989. 1 DVD [Título original: *Aufzeichnungen zu Kleidern und Städten*].
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- LITTLE Miss Sunshine. Produção de Jonathan Dayton e Valerie Faris. Nova York: FOX Films, 2006. 1 DVD.
- MAGALHÃES, Chissana. *Expresso das ilhas*, Cabo Verde, s. p., 19 de jun. 2017. Disponível em: <<https://expressodasilhas.cv/pais/2017/06/19/concurso-de-mini-miss-abre-debate-sobre-adultizacao-de-criancas/53639>> Acesso em 06 de jun. 2018.
- MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (Org.). *Identity*. Londres: Lowrence and Wishart, 1990.
- MORAES Bárbara Baldarena; FAQUERI, Rodrigo de Freitas. *O sujeito diaspórico em no filme The Good Lie (2014), de Philippe Falardeau*. In: MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 19., 2015, São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade Mackenzie, 2015.
- OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. Sujeito: objeto de desejos dos discursos. In: GUERRA, Vânia Maria Lascano; NOLASCO, Edgar César (Orgs.). *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des) locamentos*. Campinas: Pontes, 2015, p. 53-74.
- SANTOS, Gabriel Nascimento da Silva; SILVEIRA, Éderson Luís; SILVA, João Paulo de Lorena. (Des) naturalizando sujeitos e práticas na escola: Foucault para além de vigiar e punir. *Educação & Realidade*, v. 41, n. 4, p. 1275-1287, out./dez. 2016.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, P. 73-102.
- SILVEIRA, Éderson Luís; AGUIAR, Gean Pablo Silva; COSTA, Leonard Christy Souza. Alimentos indisciplinados: a beleza que não se põe na mesa. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 17, n. 3, p. 484-508, jun./dez. 2017.
- SILVEIRA, Éderson Luís. Corpos silenciados em busca de identidade: espelhos que refletem a falta. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, n. 5, p. 29-40, dez. 2012.
- SILVEIRA, Éderson Luís. Estudos Culturais e foucaultianos: espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir. In: CAMARGO, Hertz Wendel de; LARA, Renata Marcelle. (Org.). *Artes e discursos na contemporaneidade*. Curitiba: Syntagma, 2017, v. 1, p. 178-201.
- TUCHERMAN, Ieda. Atualidade e biopoder: a vida como performance. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim. (ORGS.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: editora da ULBRA, 2012, p. 249-260.
- TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Veja, 1999.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- VEIGA-NETO, A. *Michel Foucault e os Estudos Culturais*. s.d. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.1.htm>> Acessado em 09 de junho de 2018.
- VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente*. Trad. Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2012.
- WORTMANN, M. L. C; VEIGA-NETO, A. *Estudos culturais da Ciência & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Submissão: 12 de fevereiro de 2019.

Aceite: 28 de março de 2019.